

As Conferências do Chiado

Uma organização conjunta do Centro Nacional de Cultura e do Movimento para a Cidadania Sénior.

Patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação INATEL.

1. Portugal não está bem. A Europa, como construção política, está porventura ainda pior. E no plano mundial os problemas acumulam-se, sem haver uma consciência séria da sua gravidade e das estratégias a seguir para a sua superação.
2. Que Portugal não está bem é uma evidência.
A crise económica e financeira que eclodiu sobretudo no mundo ocidental em 2008 transmitiu-se a Portugal e foi exacerbada por problemas específicos bem nossos. O ajustamento que se tornou necessário realizar nem foi bem calibrado, nem evitou trilhos desnecessariamente maximalistas.
Não foi apenas a queda substancial do produto nacional, o forte acréscimo da dívida externa, a redução dos níveis de vida para os valores de vários anos atrás, o aumento em flecha do desemprego e a paragem do investimento produtivo, quer o público quer o privado, tanto o nacional como o estrangeiro. Talvez mais importante do que isso, perdemos algumas centenas de milhares de quadros técnicos qualificados, que desistiram de procurar seguir uma carreira profissional entre nós, entregámos ao estrangeiro grandes empresas de interesse estratégico e deixámos instalar-se a dúvida sobre a capacidade de assegurarmos o correcto financiamento do processo de recuperação económica e social.
Portugal perdeu alavancas de comando essenciais do seu processo de desenvolvimento económico e social, e quase renunciou a ter uma estratégia autónoma para o efeito.
3. Mas não se pode dizer que os caminhos da Europa se recomendem pela sua clarividência e sucesso.
Não só a União Europeia foi incapaz de enfrentar a crise como um bloco, como a evidência da eclosão dos egoísmos nacionais, acoplada à ausência de lideranças com visão, vem encaminhando a Europa para uma rápida desagregação.
Confrontada agora com vagas imigratórias descontroladas, a União Europeia tem-se mostrado de uma incapacidade aflitiva a fazer uma análise realista da situação e a definir uma estratégia inteligente que, sem faltar à resposta aos problemas do desenvolvimento no plano mundial (e, com especial relevo no

africano) alivie as dificuldades que impendem sobre alguns dos seus membros, que já viviam antes problemas complicadíssimos.

Há quem fale já em empurrar países membros para fora do euro, senão para fora da Europa. Ou, para não mexer nos fundamentos e regras da actual moeda comum, há quem admita a conveniência de uma Europa monetária a duas velocidades, uma com um euro forte e outra com um euro fraco.

Como os acontecimentos recentes têm-se revelado terreno fértil para populismos e demagogias, começa-se a ver construir muros no espaço europeu e a surgir e a alargar-se a influência de novas forças políticas, que Hergé, se fosse vivo, poderia nomear como a Frente dos Borduros ou o Partido dos Verdadeiros Sildavos.

4. Também há questões preocupantes no plano mundial, longe de estarem resolvidas ou em vias de solução.

Desde há mais de 20 anos que o terrorismo eclodiu como um fenómeno à escala mundial. Contemporaneamente releva talvez mais a influência dos fenómenos de intolerância religiosa, mas convém não esquecer que ainda não há muitos anos num país europeu, que é ímpar na sua generosidade face aos países mais atrasados, aconteceu por motivações políticas extremistas um acto de terrorismo que ceifou as vidas de muitas dezenas de adolescentes.

Os fenómenos de corrupção tendem a alastrar, por vezes afetando quase continentes inteiros. Quando eles se associam a regimes não democráticos, não espanta que deles decorra a irrupção de migrações maciças.

O agravamento progressivo dos resultados das alterações climáticas é insuficientemente percebido à escala mundial, excepto quando os efeitos batem à respectiva porta. Não há dúvida que o progresso científico e tecnológico tem dado uma contribuição importante para conter o problema dentro de limites toleráveis, mas falta a capacidade política e a aceitação social para fazer mudar hábitos arraigados.

A relativa facilidade que países com regimes não democráticos têm manifestado em obter e desenvolver armas de destruição maciça, mantém o Mundo sob um equilíbrio de terror, mais instável agora do que quando os países que a elas tinham acesso cabiam nos dedos de uma só mão.

5. Perante este panorama geral e a falta de ideias e de soluções viáveis, o mínimo a fazer é tomar a iniciativa, em cada País, de contribuir para um debate irrenunciável, que terá de ser conduzido e produzir frutos no plano global.

São estas as considerações que moveram os co-organizadores deste Ciclo de Conferências. Valerá a pena justificar a oportunidade da sua epígrafe. Porquê “Conferências do Chiado”?

A verdade é que gostaríamos de nos colocar num ponto de vista aproximável de um outro Ciclo de Conferências, programado e parcialmente realizado há mais de 140 anos, que passou à posteridade como as “Conferências do Casino (Lisbonense)”.

A época era de crise profunda em Portugal, passado já o período do fontismo, a situação política na Europa dramática (com exércitos alemães a invadir a França e a ascensão e queda da Comuna de Paris) e um pouco por todo o mundo havia situações de crise (até os Estados Unidos da América começavam a digerir os estragos causados pela Guerra da Secessão).

Graças ao pioneirismo e desassombro de Antero de Quental, Eça de Queiroz, Oliveira Martins e outros companheiros o Ciclo foi programado, mas das 10 conferências previstas só as primeiras 5 se realizaram. O “Ancien Régime” lidava mal com manifestações ousadas de inconformismo e liberdade intelectual e interrompeu as “Conferências do Casino”.

Felizmente que, vivendo Portugal em democracia, não corremos o risco de uma nova interrupção. Mas essa liberdade de espírito que os Conferencistas de 1871 manifestaram, quer também reafirmá-la no tempo presente. E já que o Casino Lisbonense estava a dois passos do Chiado e que este foi, até ao fim da primeira metade do século passado, o centro da vida social e intelectual de Lisboa, quisemos colocar-nos sob a influência tutelar do local, onde várias das Conferências se irão aliás realizar.

Sejam bem-vindos!